

RESSURREIÇÃO DE JESUS E ESPERANÇA CRISTÃ DIANTE DA MORTE

Júlio Maria Vieira *

Resumo: O presente artigo constitui-se de uma reflexão sobre a ressurreição de Jesus e a esperança cristã diante da morte. A pesquisa é exploratória e bibliográfica, tendo como alicerce de reflexão uma análise acerca das realidades da esperança e morte, e da fé na ressurreição. A esperança na ressurreição faz com que os cristãos busquem forças para enfrentar a realidade da morte, que por sua vez é entendida como a porta de entrada para a vida gloriosa, por causa da ressurreição que Deus realizou em Jesus de Nazaré. Ao se deparar com a problemática da morte, o crente cristão, a partir da fé na ressurreição de Jesus, se ancora na seguinte convicção de fé: a morte nos levará a passar pela ressurreição, para participar da vida gloriosa no céu, com Deus. Isso é entendido como uma vida nova em Cristo, após a morte.

Palavras-chave: Esperança, morte, fé, ressurreição.

Introdução

Enquanto o ser humano vive a “fase terrena” da vida, seu pensar se volta para a morte; de vez em quando para algumas pessoas, quase sempre para outras, e sempre para outras ainda. Por certo todos os seres humanos, aptos ao ato de pensar, pensam na morte, em algum momento de seu existir. E o pensar leva à formulação de perguntas e/ou questionamentos sobre a morte. Daí vem algumas tentativas de respostas para o pós-morte, mesmo porque, ninguém escapa ao ato de morrer.

Na tentativa de encontrar uma resposta para aquilo que acontece depois da morte, se chegou, ao longo da história, a várias respostas. Na cultura ocidental – da qual nosso país e continente fazem parte – predominam as respostas do ateísmo, que afirma não haver nada depois da morte, afirmando assim que na hora da morte tudo termina; a do espiritismo, que acredita haver algo no ser humano que não morre, sendo a alma, que por sua vez reencarnará depois da morte, em outro corpo e num outro contexto social e histórico, para mais uma vivência nesta terra ou em algum outro planeta; e a do cristianismo, que tematiza a convicção de que há um Deus eterno e cheio de vida, que

Graduado em Filosofia pelo ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino), Belo Horizonte-MG, em 1995. Graduado em Teologia pelo ISI (Instituto Santo Inácio), Belo Horizonte-MG, em 1999. Graduado em Ciências da Religião pela UVA (Universidade do Vale do Acaraú), Fortaleza-CE, em 2007. Pós-graduado em Gestão na Educação com Ênfase em Psicopedagogia pela Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte-CE, em 2010.

por sua vez não deixará a pessoa humana desaparecer no nada, mas a transforma, ressuscitando-a para uma nova maneira de existir.

Essa última resposta – que consiste na convicção de fé dos seguidores de Jesus – será o objeto de reflexão em torno do qual o presente artigo se voltará. Através de uma análise bibliográfica e de uma reflexão acerca das realidades da esperança, morte e fé na ressurreição de Jesus, concluir-se-á que a ressurreição de cada um de nós consiste em uma esperança que cada cristão traz consigo, acerca da vida após a morte.

1. Esperança como parte do viver

Segundo Aurélio, em seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1986), esperança é o ato de esperar o que se deseja; é expectativa, espera; fé, confiança em conseguir o que se deseja.

Esperança é também a “virtude humana que consiste no desejo de um bem futuro e na tensão voltada para alcançá-lo” (Idígoras, 1983, p. 136). Além dessas definições, esperança é também e essencialmente, uma atitude da pessoa em relação ao seu viver, ao seu existir.

A vida humana é um processo no qual uma parte se perde no passado e outra avança rumo a um futuro, sempre misterioso. Daí, como diz Idígoras (1983, p. 136), “viver é adentrar no futuro”.

Quando olhamos para o futuro como um mal que está por acontecer, ele provoca medo. Porém, se assumimos a atitude de espera, aguardando o novo (futuro) com passividade e indiferentismo, nós vamos fugir do medo do futuro e recebê-lo com frieza. Está aí uma atitude privada de sonho e entusiasmo.

Em relação ao futuro – que no momento é objeto de nossa reflexão, por fazer parte do ato de viver – a atitude de esperança é diferente do medo e da simples espera passiva, e nos ajuda a viver melhor nossa existência no mundo. Pois, quando assume a atitude de esperança, o ser humano “procura adiantar-se ao futuro, criando-o na imaginação e amando-a na pré-captação. Esse desejo sôfrego e ativo pelo ainda não existente é um elemento que dinamiza e ilumina toda a existência, pois nos capacita a caminhar com o coração alegre e ansioso pelo que vem” (Idígoras, 1983, p. 136). Isso transforma o ato de viver em um avanço para o futuro e em uma aventura emocionante.

Porém, “a esperança só é autêntica quando parte do presente para levá-lo ao mundo dos sonhos. Desse modo, transforma-se em energia, que atrai pelo amor e pela beleza de seus ideais e que impele o homem aos mais heróicos esforços. Sem esperança

o homem não é capaz de lutar nem de sofrer” (Idígoras, 1983, p. 137). Através da esperança o ser humano antecipa a construção do futuro e enfrenta, com mais determinação, o sofrimento.

Portanto, ter esperança é ser otimista em relação ao futuro, que através de sonhos e ideais, é antecipado na memória e no cotidiano da pessoa esperançosa.

2. Esperança como experiência religiosa

Outro dado importante na presente reflexão é que a esperança, além de ser algo que aponta de forma positiva para o futuro, ela pressupõe o encontro com o outro. Pois, aquilo que depende somente de nós é algo que não esperamos. E quando o outro de nossa esperança é Deus, estamos falando da esperança religiosa, nos colocando diante de Deus como um Futuro Absoluto e Salvador, que vem ao nosso encontro.

Na perspectiva da esperança, sobretudo religiosa, as lembranças do passado são relacionadas com o que fomos ontem, enquanto o futuro se transforma em um conjunto de possibilidade daquilo que podemos ser.

Para ilustrar melhor a reflexão sobre a esperança religiosa, seguem alguns textos bíblicos, que nos ajudarão a compreender a forma com a qual a Bíblia Sagrada, Tradução da CNBB (2002), nos fala da esperança em Deus. Eis os temas e textos:

a) Promessa da bênção futura dos povos e confiança-esperança de Abrão:

O Senhor disse a Abrão: Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te vou mostrar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra. Abrão partiu como o senhor lhe havia dito, e Ló foi com ele (Gn 12,1-4a).

b) Povo movido pela esperança de encontrar uma terra onde haveria fartura:

O Senhor lhe disse: Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los sair desse país para uma terra boa e espaçosa, terra onde corre leite e mel... (Ex 3,7-8a).

c) Aparições de Deus, ligadas a uma promessa de salvação futura:

Se seguirdes minhas leis e guardardes meus mandamentos e os puserdes em prática, eu vos mandarei a chuva na sua estação, a terra dará seu produto e as árvores do campo produzirão frutos. (...) Estabelecerei minha morada entre vós e não vos rejeitarei. Andarei no

meio de vós, serei vosso Deus e vós sereis meu povo (Lv 26,3-4.11-12).

d) Esperança para além dos bens terrenos:

Não será mais o sol a luz do teu dia, nem será a lua que vai te iluminar à noite, o próprio Senhor será para ti luz permanente, e o teu brilho será o teu Deus. Teu sol nunca mais se há de pôr, tua lua jamais terá minguante, pois o Senhor é tua luz permanente, acabaram os teus dias de luto (Is 60,19-20).

e) O Reino de Deus começou com a pregação de Jesus e se manifestará plenamente no futuro:

Se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras diante desta geração adúltera e pecadora, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória do seu Pai, com seus santos anjos (Mc 8,38).

Outro texto da Bíblia fala também sobre a esperança em um banquete nupcial no céu, no futuro, entre Cristo e sua Igreja. Ei-lo: “Vi então um céu novo e uma nova terra. Pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe” (Bíblia Sagrada, 2002, Ap 21,1).

Os textos acima citados e transcritos descrevem a ideia de que “é do futuro que vem o Deus Salvador e é no futuro que os israelitas antevêem a sua ação definitiva” (Idígoras, 1983, p. 137).

Portanto, a esperança religiosa é a confiança em uma ação de Deus em favor do ser humano, mesmo que se entenda que isso só irá acontecer plenamente depois da morte. A isso se denomina esperança religiosa.

3. Esperança cristã

“Se a morte é a certeza, a imortalidade é a esperança” (Queiruga, 2004, p. 17). Uma das definições da fé cristã é que, juntamente com a vida, Deus concede ao ser humano, também o Espírito Vivificador. Esse elemento divino presente nas pessoas, faz com elas se tornem herdeiras do Espírito de Deus. Isto é, Deus está em cada ser humano, fazendo com que cada pessoa viva “parcialmente” com Deus, enquanto esteja vivendo a dimensão terrena da vida. Isso faz com que o céu (que está no nível do porvir) se torne a meta da caminhada cristã. Céu que é a realidade na qual as pessoas poderão viver com Deus em plenitude e para sempre. Essa é a grande esperança cristã (Conf. Rm 8,12-25 e Dic. de conceitos fundamentais de teologia, Paulus 1993, p.238). Portanto, a

esperança cristã aponta para algo que ultrapassa os limites da dimensão terrena da vida humana. O cristão crer na vida após a morte. E o fundamento e a base da esperança dos cristãos para a vida após a morte é a ressurreição de Jesus. Para os seguidores de Jesus a morte não tem a última palavra. Ela traz para todos, inclusive para os cristãos, alguns questionamentos: Por que morrer sem ter ainda alcançado a felicidade? Por que a pessoa humana deve morrer, quando, com todas as fibras de seu ser, gostaria de viver?

Para tais questionamentos não há resposta científica, mas uma convicção de fé, que pode e deve ser fundamentada nas ciências atuais. Diante da morte, se a resposta dos cristãos fosse a ideia de que “a única certeza que temos é morrer”, estariam confirmando a ideia dos críticos das religiões, que dizem que a religião é um paliativo, um caminho de fuga.

Porém, o que dizer em relação à morte, quando a lógica se cala e o nosso raciocínio chega aos seus limites? A esta questão a fé cristã diz o seguinte: diante da morte, há uma esperança “cujas raízes vão além dos fatos, mas que, apesar disso, fundamenta-se em fatos” (Idígoras, 1983, p. 84).

Diante da morte, a esperança do cristão é a ressurreição, que é uma questão de fé, que deve ser madura e bem fundamentada. A ressurreição se baseia nas estruturas de uma sociedade e numa época específicas. Daí surge a base da esperança na ressurreição: convicção religiosa e fatos históricos. Esta é a grande esperança cristã para a vida depois da morte: a ressurreição de Jesus com toda a sua contextualização e repercussão posterior.

3.1. Dimensão pessoal da esperança cristã

A dimensão pessoal da esperança cristã se fundamenta na chamada “prova sociológica” da Ressurreição de Jesus, que tem como fundamento o significado da cruz no século I da era cristã.

No período em que Jesus viveu fisicamente neste mundo (século I d. C.), a cruz era sinal de desprezo e vergonha. Era a expressão do fracasso existencial de uma pessoa, que a partir da crucifixão se tornava desprezada e excluída de toda a comunidade humana. Tornava-se uma “não pessoa” sobre a qual não se podia falar. Devia ser extraído da memória do povo e esquecido por todos.

Além dessa idéia de caráter social e político se pensava também na maldição de Deus. Algumas pessoas até rezavam esta idéia: “maldito por Deus aquele que pende na cruz” (Bíblia Sagrada, Dt 21,23). Entendia-se que a pessoa crucificada, além de ser

rejeitada pela sociedade, era “maldita por Deus”. Foi dessa maneira que a religião da época de Jesus compreendeu a morte dele na cruz. Isso fez com que o Templo (Instituição religiosa oficial daquele tempo) fizesse tudo para que Jesus morresse na cruz. Os líderes religiosos do Templo pensavam: um Messias não pode ser maldito por Deus. E ainda. “Um crucificado é um maldito por Deus. E de um maldito por Deus não se pode falar. Ora, deste Jesus nunca mais poderá falar” (Vilhena e Blank, 2003, p. 86). Essa compreensão marcou, certamente, os seguidores de Jesus. Eles mesmos presenciaram a seguinte expressão de Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus! Porque me abandonastes?” (Bíblia Sagrada, 2002, Mc 15,34 e Mt 27,46).

Essa visão negativa da cruz fez com que os discípulos fugissem para a Galiléia e se calassem. Desmorona-se assim a confiança em Jesus. Para os discípulos – a partir do momento que Jesus morreu numa cruz, com todo o significado negativo que se tinha no momento – acabava-se a idéia de que Jesus era o Filho de Deus. Entendiam que “a própria morte na cruz, abandonado por Deus, provou que Deus não estava ao lado de Jesus” (Vilhena e Blank, 2003, p. 86). A maior crise de fé dos discípulos foi o momento da morte de Jesus. De acordo com a cultura religiosa do tempo de Jesus e dos discípulos, um crucificado não podia ser Filho de Deus e Messias. Dentro dessa visão e contexto, a morte na cruz fez com que ficasse eliminado todo o prestígio de Jesus e também seu projeto. “Naquela sexta-feira, a causa de Jesus estava eliminada, morta, liquidada para sempre e para todos” (Vilhena e Blank, 2003, p. 87). A fuga dos discípulos, narrada nas entrelinhas de Marcos 14,27, e o fato de alguém de fora do grupo dos Doze, assumir o dever do enterro de Jesus, como está em Marcos 15,43; indicam que os discípulos davam por perdida a causa de Jesus (Conf. Dic. de conceitos fundamentais de teologia, Paulus 1993, p. 785). “Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram!” (Lucas 24,21)

Porém, apesar de tudo isso, por que, ainda hoje, falamos de Jesus? O teólogo Renold Blank nos ajuda a entender:

A razão pela qual a causa de Jesus continuou não foi a cruz. Mas ela continuou! Os discípulos, depois de terem se escondido, começaram a falar dele, e a sua mensagem, de antemão, era destinada a ser rejeitada: ‘... Escândalo para os judeus, loucura para os pagãos’ (1 Cor 1,23). Como explicar tal ousadia? Como compreender a mudança na atitude dos discípulos? Como interpretar um comportamento cem por cem oposto àquele que pudemos observar alguns dias antes? A única explicação razoável é aquela na qual todos os textos insistem: depois da morte vergonhosa de Jesus, deve ter acontecido algo que provocou

uma mudança total na atitude de seus seguidores. Depois da cruz, os discípulos devem ter tido uma experiência que os convenceu de maneira tão absoluta que nem a cruz e sua sombra poderiam impedi-los de falar de Jesus. Qual foi essa novidade total? Em que consistia a experiência tão tremendamente nova, que até fez desaparecer todo o verdadeiro sociorreligioso da cruz? Todos os textos que falam sobre Jesus são unânimes na resposta: Deus ressuscitou Jesus! Aquele Crucificado que estava morto e que havida morrido com um grito, depois de ter sido abandonado por Deus, voltou à vida. Quem, porém, havia causado tal evento nunca visto, era Deus. Aquele Deus, do qual todos haviam pensado que tivesse abandonado Jesus. Ressuscitando este Jesus, Deus prova que não o havia abandonado (Vilhena e Blank, 2003, p. 87).

Depois de tudo, os discípulos voltaram a falar de Jesus e a transmitir o que aprenderam com ele, como se observa no texto da Bíblia Sagrada:

Homens de Israel, escutem estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem credenciado por Deus junto de vós, pelos milagres, prodígios e sinais que Deus realizou entre vós por meio dele, como bem o sabeis. Deus, em seu designo e previsão, determinou que Jesus fosse entregue pelas mãos dos ímpios, e vós o matastes, pregando-o numa cruz. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias da morte, porque não era possível que ela o dominasse (Bíblia Sagrada, 2002, At 2,22-24).

Portanto, a raiz da esperança pessoal de cada cristão é a ressurreição de Jesus. Ela é a base da fé cristã, como se observa no texto abaixo:

Falar de Jesus e de sua mensagem depois da cruz só era possível porque aconteceu algo tão grandioso que até superou o escândalo da cruz. Eis o fato: Deus ressuscitou Jesus! Esta é a razão pela qual seus seguidores voltaram a transmitir sua mensagem. Esta é a razão pela qual, hoje, fala-se dele: Deus o ressuscitou. Se Deus não o tivesse feito, nunca mais se teria mencionado a pessoa e sua mensagem. De um crucificado não se falava mais. Jesus teria desaparecido nos porões da história, assim como tantos antes dele e tantos outros depois (Vilhena e Blank, 2003, p. 87-88).

Assim, a existência do cristianismo, se transforma no fato histórico que prova a ressuscitação¹ como diz o teólogo Renold J. Blank: “O fato histórico de que, depois da cruz, os discípulos voltaram a falar de Jesus, torna-se sociologicamente a prova de que a ressurreição realmente aconteceu” (Vilhena e Blank, 2003, p. 88). Não se deve esquecer que a ressurreição/ressuscitação de Jesus foi uma ação exclusivamente de Deus. Pois “só pode haver ressurreição como agir exclusivo de Deus no morto, agir vindo

¹ “Insisto no termo ‘ressuscitação’ e não no termo geralmente usado ‘ressurreição’, para acentuar que se trata de um agir de Deus na pessoa morta. Não é a pessoa que ressuscita por atividade própria, ao contrário, é o Deus da vida que age, ressuscitando a pessoa que na sua morte perdeu toda e qualquer possibilidade de poder agir” (Vilhena e Blank, 2003, p. 88, nota de rodapé, citação nº.5).

estritamente de fora, dispensando o componente da cooperação humana” (Dic. de conceitos fundamentais de teologia, p. 789).

A ressuscitação de Jesus torna-se a base para a esperança na ressuscitação das pessoas que seguem Jesus. Esses acreditam: se Deus ressuscitou Jesus, ressuscitará seus seguidores também. “Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitará também a nós pelo seu poder” (Bíblia Sagrada, 2002, 1Cor 6,14).

Com a ressuscitação de Jesus, a esperança-expectativa dos cristãos se torna mais sólida. Pois, assim ensina o texto sagrado:

Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento, e sem fundamento também é a vossa fé. Se os mortos não ressuscitam, estaríamos testemunhando contra Deus que ele ressuscitou Cristo enquanto, de fato, ele não o teria ressuscitado. Pois, se os mortos não ressuscitam então Cristo também não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, a vossa fé não tem nenhum valor e ainda estais nos vossos pecados. Então, também pereceram os que morreram em Cristo. Se, é só para esta vida que pusemos a nossa esperança em Cristo, somos, dentre todos os homens, os mais dignos de compaixão. Mas, na realidade, Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram (Bíblia Sagrada, 2002, 1Cor 15,13-20).

E na teologia de Blank vejamos o seguinte, sobre a ressurreição:

Ressuscitando Jesus, o próprio Deus provou que é capaz de ressuscitar os mortos. Ele provou que ressuscita mesmo. Tendo como base esse fato, fica fundamentada a fé em que Deus ressuscitará as pessoas humanas da morte. O nosso destino final não é a morte, mas a continuação desta vida numa nova forma, transformada pelo próprio Deus. Para essa esperança, temos uma prova irrefutável, histórica e inegável: o fato de Deus ter ressuscitado Jesus (Vilhena e Blank, 2003, p. 88-89).

Portanto, a grande esperança de cada seguidor de Jesus é a ressurreição pela qual ele passou graças ao poder de Deus. Assim, Deus, que ressuscitou Jesus, fará com que todas as pessoas também sejam ressuscitadas.

3.2. Dimensão social da esperança cristã

Na concepção cristã, a ressuscitação de Jesus confirma também as esperanças históricas de que este mundo vai mudar. Além da esperança na vida nova, que cada um participará como pessoa ressuscitada, há ainda outra esperança: o mundo vai mudar para melhor. Acontecerá o Reino de Deus. Esse é também um sonho que desde muito tempo

acompanha os anseios humanos, conforme alguns trechos da Sagrada Escritura, que narra o anseio comum entre os cristãos, em vista de todas as pessoas e do mundo.

Quando lemos os Evangelhos (Histórias da vida de Jesus), percebemos que “Jesus viveu e proclamou as cinco grandes opções do Reino de Deus: Opção pelos pobres; opção pelo serviço e contra o poder; opção pela misericórdia e contra o legalismo; opção pela justiça e contra a opressão; opção pela vida integral da pessoa humana” (Vilhena e Blank, 2003, p. 89-90). Além de ser em nome de Deus, Jesus viveu essas opções com tão grande convicção, que o Templo (Instituição religiosa da época), se colocou em oposição frontal com ele:

O Templo não formulou uma opção pelos pobres, mas sim contra eles. E tudo isso em nome de Deus: Não sustentou o serviço, mas o poder; não optou pela misericórdia, mas pelo legalismo; não realizou a justiça de Deus, mas agiu de maneira injusta aos olhos de Deus; não promoveu a vida, mas a morte (Vilhena e Blank, 2003, p. 90).

Com isso existiam duas concepções de Deus: a que estava presente na mensagem de Jesus e a outra na mensagem do Templo. E a situação de cruz, pela qual Jesus passou, parecia confirmar a concepção do Templo. Porém vejamos:

Se a história de Jesus tivesse terminado com a cruz, teria sido impossível que sua causa continuasse. Entretanto, sua história não terminou assim. Deus o ressuscitou. E, com a ressuscitação, o próprio Deus confirmou perante o mundo inteiro, perante o Templo e perante os discípulos que a concepção de Jesus era certa e que o Templo havia se enganado. Ressuscitando Jesus, o próprio Deus confirmou que as opções dele eram as suas próprias. Sendo assim, também aqueles que se declaram seguidores de Jesus devem começar a realizar as mesmas opções, pois o Reino de Deus é assim como ele declarou, e não como o Templo havia dito (Vilhena e Blank, 2003, p. 90).

Eis a dimensão da esperança cristã, que já não é mais só pessoal, mas também social:

Este mundo não ficará assim como é, entregue às forças dos poderosos, sujeito ao domínio daqueles que matam, excluem e oprimem. O último destino deste mundo será tal como Jesus o formulou: um Reino de Deus marcado pelo amor, pela misericórdia, pela justiça, pela verdade, pela fraternidade e pela paz (Vilhena e Blank, 2003, p. 90).

A ressuscitação de Jesus foi uma fala de Deus ao ser humano: “o último destino do mundo e da história será como Jesus havia anunciado” (Vilhena e Blank, 2003, p. 90). Isso é o reinado de Deus, que deve começar aqui e agora, através do agir dos seguidores de Jesus, por causa da esperança que cada um carrega, em participar de uma vida e um

mundo, novos. Isto é, a vida nova já deve fazer parte da vida presente, através da esperança na ressurreição. E a esperança em um mundo novo deve ser motivação para que procuremos reverter muitas situações contra a vida, presentes na sociedade. Pela fé em Jesus os cristãos se sentem convocados a continuar o que ele iniciou: transformar as situações históricas de morte em situações de vida.

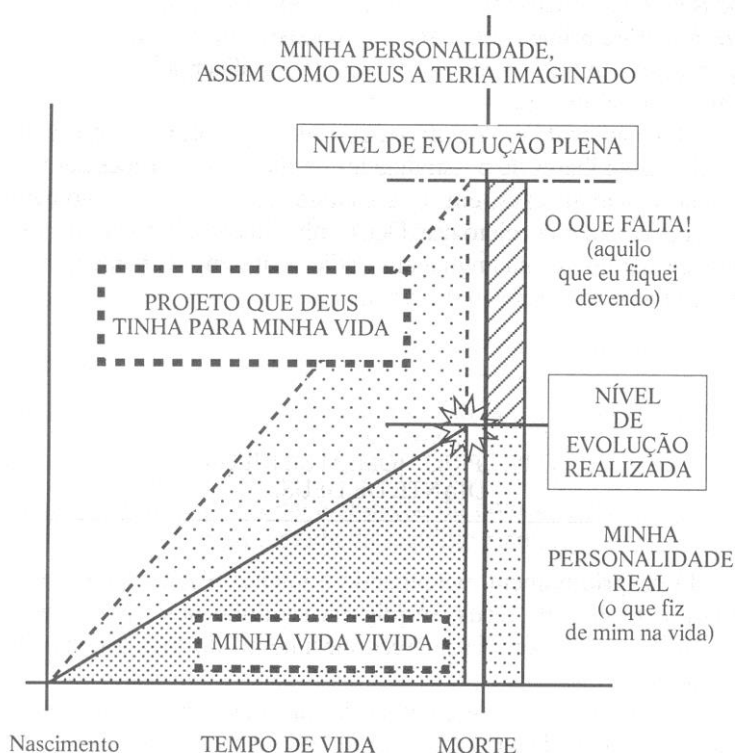
Portanto, a ressuscitação de Jesus por parte de Deus, leva os cristãos às seguintes esperanças-conclusões: a morte não é o último destino da pessoa humana; as situações de exclusão, opressão e exploração não são o último destino da história.

Tal esperança incentiva para um agir em nome de Deus, transformando as situações de morte em situações de vida.

4. Ressurreição: vida nova em Cristo

A partir do momento da morte “a noção de tempo não existe mais, a noção de espaço não existe mais, uma nova dimensão se abre, à qual damos o nome de ‘eternidade’. É neste limite, ‘na morte’, que o homem se encontra pela primeira vez com Deus” (Blank, 2000, p. 73).

A figura abaixo quer ilustrar o momento a partir do qual acontece a ressurreição. Eis a esperança cristã:



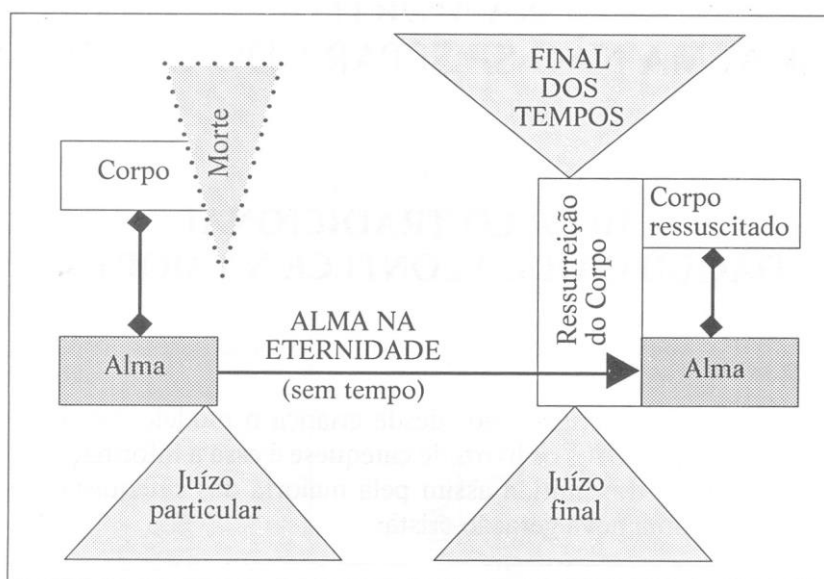
Fonte: (Blank, 2000, p. 172)

4.1. Modelo tradicional daquilo que acontece na morte

Inicialmente refletamos sobre as expectativas religiosas ensinadas por séculos, sobre alma e corpo na morte, como nos diz o teólogo Renold J. Blank:

Na morte, a alma se separa do corpo e entra numa nova dimensão, chamada Eternidade. Nesta nova dimensão, a alma da pessoa está sendo julgada por Deus no assim chamado Juízo Particular. Conforme o resultado deste Juízo, a alma ou entra diretamente no inferno, ou, depois de ter passado talvez certo tempo no Purgatório, entra no céu. Ela aguarda, numa situação de felicidade ou de tormento, a chegada do Juízo Final. Quando o momento deste segundo juízo chegar, acontecerá também a Ressurreição do Corpo e, de novo conforme o resultado dos dois julgamentos, a alma humana, agora reunida com o seu corpo, passará para toda a eternidade numa situação de felicidade total, chamada Céu, ou de tormento inimaginável, chamado Inferno (Blank, 2000, p. 75).

A figura abaixo aponta para uma separação entre alma e corpo:



Fonte: (Blank, 2000, p. 76)

Percebe-se acima uma compreensão de morte que só atinge o corpo; pois, depois da morte, aos nossos olhos, só nos resta um cadáver, que em seguida o enterramos.

A religião cristã, porém, diz que isso não é tudo. Depois da morte, a vida continua. Surge, no entanto, uma pergunta: Como será possível compreender a verdade de fé (vida depois da morte), com a verdade inegável do cadáver? A resposta tradicional, que é baseada num modelo antropológico dualista ou binário (ser humano composto de corpo “parte mortal” e alma “parte imortal”), diz que na morte a alma se

separa do corpo. Assim, na morte a alma se separa do corpo, e entra na dimensão chamada eternidade, e passa a viver como ser espiritual, até que chegue o final dos tempos, quando acontecerá a Ressurreição do corpo e o Juízo Final. Porém, vejamos o que nos diz o seguinte texto:

A origem deste modelo nada tem a ver com a revelação bíblica, mas, sim, com uma religião pagã do século VII a.C., a assim chamada ‘Religião Orfíca da Trácia’, na Grécia antiga. A partir desta origem, a concepção binária ou dualista do homem passou por toda uma história e evolução e adaptação, até finalmente se fixar também no cristianismo. (...) Este modelo antropológico já era o dominante dentro do império greco-romano antes da era cristã e, depois do desaparecimento deste império, continuou dentro do pensamento cristão e permanece até os dias de hoje. Ele se fixou de tal maneira, que muitos cristãos estão convencidos de que estamos diante de um fato de revelação divina. Pensam que a base do modelo antropológico dualista seria a própria Bíblia (Blank, 2000, p. 78).

Percebe-se que esse modelo dualista ou binário tem raízes numa cultura alheia à da Bíblia. Entrou no cristianismo não por revelação divina, mas, por razões culturais e ideológica, por causa do processo de aculturação² nos primeiros séculos do cristianismo, quando aconteceu a absolvição, por parte dos cristãos, de alguns elementos da cultura pagã.

O grande risco que se corre, diante da reflexão sobre o ser humano, é deixar de lado o dualismo axiológico grego (corpo x alma), colocando em seu lugar o dualismo metodológico moderno (corpo x espírito). Isso não seria superação de concepção.

Contudo, Blank, (2000, p. 85) está a nos dizer: “na absoluta maioria de seus textos, a Bíblia não conhece dualismo corpo-alma. Esse modelo entrou no discurso teológico sob a influência da filosofia grega”.

Então, como seria o modelo de homem a partir da Antropologia contemporânea?

Hoje se pensa a pessoa humana da seguinte forma: O “ser humano é um ser multidimensional, e tudo o que acontece a este ser acontece a ele em todas as suas dimensões” (Blank, 2000, p. 96). Essa concepção multidimensional sobre o ser humano aponta para uma nova forma de conceituar aquilo que acontece com a pessoa depois da morte. Após a morte a pessoa continua vivendo, porém, de forma diferente.

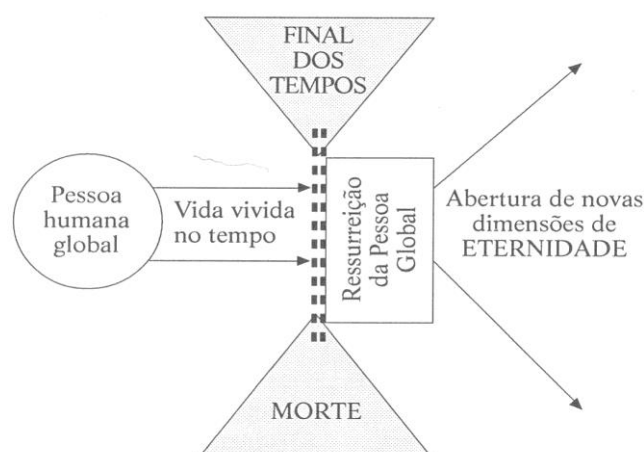
² Interpenetração de culturas. Conjunto de fenômenos provenientes do contato direto e contínuo de grupos de indivíduos representantes de culturas diferentes (BUARQUE, 1994-95).

4.2. Novo modelo³ sobre o que acontece com o ser humano na morte

Assim como a fé, para ser vivida, necessita de uma contínua atualização; alguns teólogos pensam o mesmo sobre o tema da ressurreição. Entendem que a ressurreição, “somente quando repensada e revivida de novo, em cada etapa histórica, pode desdobrar seu dinamismo de vida e sua força de esperança” (Queiruga, 2004, p. 17). Pensando nesse “salto qualitativo” acerca da reflexão escatológica, vejamos os pressupostos do novo modelo sobre o que acontece com o ser humano na morte:

A alma nunca se separa do corpo. A ressurreição da pessoa inteira acontece na morte. Na eternidade não há tempo. Não pode transcorrer tempo entre a morte e o Juízo Final, quando acontece a ressurreição do corpo. Em nenhum momento a alma fica sem corpo (Blank, 2000, p. 105-106).

O que se tornou tradicional foi o modelo ou a forma de interpretar e não o conteúdo de fé, neste caso a ressurreição. A partir dessas reflexões, que já vem desde as últimas décadas do século XX, se chegou ao modelo de uma ressurreição na morte. É o que nos mostra a figura abaixo:



Fonte: (Blank, 2000, p. 108)

4.3. Nova concepção sobre a ressurreição

O “novo modelo sobre o que acontece com o ser humano na morte”, nos ajuda a pensar sobre uma “nova concepção sobre a ressurreição”, ou – como diz o título de um dos livros do teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga – nos ajuda também, a “Repensar a ressurreição”. Porém, essa nova compreensão acerca do tema ressurreição, não tem como base os ensinamentos da doutrina oficial da igreja sobre o assunto, mas

³ Como o próprio texto vai deixar bem claro, o novo modelo sobre o que acontece ao ser humano na morte, e também a nova concepção acerca do tema ressurreição, estão baseados nas teses do teólogo Renold J. Blank; posição ainda não aceita pela doutrina oficial da Igreja.

sim, toma como pressupostos as teses do renomado teólogo Renolde J. Blank, segundo o qual, na morte, a alma não se separa do corpo porque a pessoa humana é uma unidade substancial indivisível. Segundo Blank, a morte é o momento em que o ser humano entra numa nova dimensão sem tempo, chamada eternidade. “Naquele momento, o tempo pára de existir como dimensão existencial desta pessoa. Para ela, a morte significa ‘o fim dos tempos’. (...) O momento da morte e o momento do Final dos Tempos coincidem na eternidade” (Blank, 2000, p. 109).

Assim, a ressurreição do corpo acontece junto com a ressurreição da alma, no momento da morte. Pois, alma e corpo não se separam. “Nunca, em nenhum momento, a alma humana se separa do corpo e fica sozinha, isto pelo simples fato de que esta alma, entre a morte e o Final dos Tempos, nem teria tempo de se separar do corpo, porque, na eternidade, o tempo não existe mais” (Blank, 2000, p. 109-110).

No momento da morte a pessoa humana é transformada em todo o seu ser, em todas as suas dimensões. Num mesmo momento Deus transforma a pessoa humana como um todo, incluindo aí corpo e alma, como nos diz o apóstolo Paulo:

Coisa semelhante acontece com a ressurreição dos mortos: semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado na humilhação, ressuscita na glória; semeado na fraqueza total, ressuscita no maior dinamismo; semeia-se um corpo só com vida natural, ressuscita um corpo espiritual (Bíblia Sagrada, 2002, 1Cor 15,42-44a).

O teólogo Renold Blank (2000, p. 110) também nos diz: “A ressurreição da pessoa humana em corpo e alma acontece no momento de sua morte, quando esta pessoa inteira e integral sai de sua ligação ao tempo e entra em nova dimensão, chamada eternidade”.

Isso nos credencia a falar de “morte” e “vida após a morte” da pessoa, em sua totalidade. Por isso, não se deve rezar só pela alma de nosso irmão ou irmã. “O que se deve é rezar pelo nosso irmão falecido e pela nossa irmã falecida, inteiros, globais, em todas as suas dimensões” (Blank, 2000, p. 114). Pois a antropologia atual, contemporânea, nos ensina que “o ser humano não possui ‘alma’ como realidade independente em oposição ao seu corpo; tampouco possui corpo que se movimenta de maneira totalmente mecânica ou inconsciente. Ambas as idéias são só abstrações. O que realmente existe é a unidade do ser vivo, do homem, que se movimenta e reage ao mundo” (Blank, 2000, p. 116).

Contudo, pode-se falar de dois lados da morte, que conseqüentemente também nos leva a pensar na ressurreição.

Primeiramente o lado exterior da morte: o homem morre e está sendo sepultado. Um cadáver sem vida que nós o enterramos. É o que enxergamos com nossos sentidos. Experiência inegável, na qual morre tudo aquilo que constitui o ser humano. Porém, por trás desse fenômeno do morrer, ilustrado pelo cadáver que vemos e enterramos, há outra dimensão: o lado interior da morte. Ou seja, o homem vive para além da morte.

O lado interior da morte escapa aos nossos sentidos como a realidade das ondas de rádio. Esse lado da morte é sustentado pela Teologia, que usa argumentação científica para tal. Para isso se usa “uma das leis fundamentais das ciências da natureza, conhecida como ‘o segundo axioma da termodinâmica’. Nele se diz que no cosmo não é possível a destruição de energia. O que acontece é transformação da energia, nunca a sua destruição” (Blank, 2000, p. 119).

De acordo com as reflexões antropológicas atuais o homem é potencial energético, que não desaparece com a morte, mas é transformado, de forma que a energia permanece como nos ajuda a refletir, o texto abaixo:

Olhando, então, para o homem, descobrimos que, além do potencial energético material, há também energia emocional, energia de vontade, energia psíquica daquela pessoa que diz Eu. Também esta energia não pode ser destruída. Ela deve continuar de uma ou de outra forma (Blank, 2000, p. 119-120).

Nenhuma ciência consegue explicar como continuarão os potenciais energéticos, “mas devem continuar, não podem desaparecer, porque seria contra umas das leis mais fundamentais conhecidas pela ciência. Aquele potencial energético que diz EU não pode desaparecer” (Blank, 2000, p. 120).

Portanto, o ser humano é um aglomerado de potenciais energéticos que não podem desaparecer: Energia material (corpo), explicada pela Física, Química, Biologia e Teologia; também energia emocional (emoções), energia intencional (vontade), energia psíquica (o EU), estas últimas explicadas pela Psicologia, Filosofia e Teologia.

A partir dessas reflexões, que levam em conta as ciências atuais, pode-se concluir que, depois da morte, o ser humano será transformado em uma nova realidade.

4.4. Depois da morte uma vida nova

Em parágrafos anteriores refletiu-se que na época de Jesus, ser crucificado significava “um escândalo e uma aniquilação total da pessoa, em nível pessoal, social, histórico e religioso” (Blank 1995, p. 80). Porém, apesar de Jesus ter morrido na cruz, houve a continuação da crença Nele. O ideal de Jesus continuou, apesar da escandalosa

e trágica morte na cruz. Deus confirmou Jesus e seus ensinamentos, para sempre, a partir da ressurreição. Essa é a base da esperança e fé dos cristãos.

Ressuscitando Jesus, Deus se revela como o Deus da vida. Deus mostra que a morte não é o último passo do ser humano e abre a possibilidade de novas dimensões de vida. Na ressurreição de Jesus, Deus se revela também sua fidelidade. A ressurreição de Jesus mostra que Deus é fiel às criaturas humanas, não deixando que estas sejam vencidas pela morte. Deus instituiu a base da esperança cristã, com a realização da ressurreição de Jesus. Pois, se Deus ressuscitou Jesus, e o Espírito Dele habita nos seres humanos, todos serão também ressuscitados.

A reflexão sobre a ressurreição de Jesus aponta para a ressurreição de todas as pessoas, que, à luz da reflexão realizada neste artigo, começa no momento da morte, quando cada um de nós se deparará com o que fizemos de nossa vida, confrontando-a com o projeto que Deus tinha para ela. Percebendo que sua vida foi fragmentada em relação ao projeto de Deus, vem a seguinte pergunta: e agora? A fé cristã diz que a partir do momento da morte, o próprio Deus começa a agir. É uma “vida nova”, que se iniciará no encontro com Deus.

Mas, como é que Deus age? O evangelista João nos diz que Deus não age através do julgamento. O ser humano se julgará a si mesmo no confronto com Deus, no momento da morte (Cf. Bíblia Sagrada, 2002, Jo,8-15). Por sua vez, Blank (1995, p. 116) nos adverte, dizendo:

Aceitar ou rejeitar o presente que Deus lhe oferece na morte depende da decisão livre da pessoa humana. (...) No primeiro encontro com Deus na morte, a pessoa humana realiza uma última e profunda conversão, através da qual evolui de tal forma que se torna capaz de aceitar tudo o que Deus lhe quer dar de presente.

Diante da vida humana fragmentada, no momento da morte, Deus age com amor e perdão. Porém, não haverá igualação geral:

As pessoas, na morte, não ficarão todas iguais e no mesmo nível. Bem pelo contrário: as pessoas, na morte, serão o que fizeram de si mesmas durante a própria vida. E quando, nesta vida, fracassam ante os parâmetros de Deus, estarão com essa vida fracassada, não evoluída. O que não evoluiu deve evoluir, e o que fracassou deve ser refeito (Blank, 1995, p. 111).

Essa “evolução” será um “refazer-se” diante de Deus e na hora da morte. Isto é, quando a pessoa estiver “na morte”.

Portanto, o ser humano terá um momento de confronto com Deus, no momento da morte. Num passo para frente e numa dimensão nova, junto com Cristo, a pessoa realizará sua evolução última e definitiva. Esse processo evolutivo, qualitativamente novo, é o que se chama “Purgatório”, entendido como dimensão nova e dinâmica, pela qual o ser humano passará após a morte.

O “purgatório é um dinâmico e profundo processo evolutivo do ser humano” (Blank, 1995, 119). Processo pelo qual todas as pessoas passarão. Processo mais ou menos doloroso de acordo com a vida que a pessoa levou.

A ressurreição abrange a pessoa humana completa, em todas as suas dimensões. No momento da morte haverá uma ressurreição corporal do ser humano, em todas as suas dimensões, e não só da alma ou do espírito.

Na ressurreição a pessoa adquirirá um corpo glorioso, em uma nova dimensão. Portanto, “a ressurreição do corpo é muito mais do que a simples revitalização de um cadáver” (Blank, 1995, p. 124). Após a morte o ser humano continuará vivendo numa nova e eterna dinâmica de vida: a vida gloriosa com Deus.

Conclusão

A reflexão teológica, auxiliada por outros campos do saber, como se percebe ao longo deste artigo, ajuda os cristãos a argumentarem-se melhor sobre a crença numa vida após a morte. Provar a existência dessa vida, porém, nenhuma ciência o pode fazer.

A “certeza de fé” dos seguidores de Jesus se baseia num “Deus que se revelou no decorrer da história como um Deus da vida. Neste Deus que se manifestou em Jesus Cristo como um Deus que não quer a morte” (Blank, 2000, p. 121).

Como explicar, porém, a ressurreição como transformação do ser humano em sua totalidade, em corpo e alma, se a morte de uma pessoa nos coloca diante de um corpo morto, de um cadáver?

A Bíblia, que tem uma reflexão muito próxima às das ciências atuais, não fala da ressurreição dos corpos, mas da ressurreição dos mortos. Para a Bíblia, a ressurreição não é revivificação de cadáver, como “aconteceu com Lázaro” (Cf. Bíblia Sagrada, 2002, Jo 11,1-44), que depois certamente tornou a morrer.

A ressurreição na morte é “um salto qualitativo, a partir do qual o homem mantém sua dimensão corporal; aquilo, entretanto, que chamamos ‘o corpo ressuscitado’ significa uma corporeidade diferente daquela que nós conhecemos” (Blank, 2000, p. 130).

O corpo é a totalidade psicofísica do homem. Para melhor entender, pensemos numa semente e numa planta. O que nos apresenta aos nossos olhos é que semente e planta são diferentes. “No nível genético, porém, semente e planta são idênticas. Toda célula da semente contém exatamente o mesmo código genético de toda célula da planta” (Blank, 2000, p. 131). Apesar de serem diferentes, há uma total identidade entre semente e planta. Mas, voltando a refletir sobre o ser humano, é natural que nos vem a seguinte pergunta: Por que não enxergamos o corpo glorioso? É porque “os nossos sentidos nos informam somente sobre 4 dimensões da realidade. O corpo glorioso, no entanto, pertence a dimensões superiores, inacessíveis aos sentidos. Por isso não o enxergamos; o cadáver, porém, enxergamos” (Blank, 2000, p. 133). Depois da morte, com a ressurreição, a pessoa passa para uma vida nova, vida transformada. Como acontece na metamorfose:

Imagine uma lagarta. Passa grande parte de sua vida no chão, olhando os pássaros, indignada com seu destino e sua forma. ‘Sou a mais desprezível das criaturas’, pensa. ‘Feia, repulsiva, condenada a rastejar pela terra’. Um dia, entretanto, a natureza pede que faça um casulo antes. Pensa que está construindo seu túmulo, e prepara-se para morrer. Embora indignada com a vida que levou até então, reclama novamente com Deus: ‘Quando finalmente me acostumei, o Senhor me tira o pouco que tenho’. Desesperada, tranca-se no casulo e aguarda o fim. Alguns dias depois, vê-se transformada numa linda borboleta. Pode passear pelos céus, e ser admirada pelos homens. Surpreende-se com o sentido da vida e com os desígnios e Deus (Teles, 1999, p. 41).

Tudo o que era lagarta está sendo transformado, para se tornar borboleta. A morte da lagarta leva ao surgimento de algo novo, a borboleta. Assim, a morte é entendida pelos cristãos, como passagem para uma nova forma de se viver.

Além de entender a ressurreição como uma passagem para a vida eterna com Deus e em Cristo, os cristãos entendem também, a partir da ressurreição de Jesus, que a ressurreição de cada um de nós é a grande esperança que se pode ter, diante da morte.

Como se refletiu nesse artigo, a Bíblia e a fé cristã falam de um ser humano cujas partes (corpo e alma) são totalmente integrados, entre si, ou seja, inseparáveis. Daí a ressurreição não atingir apenas a alma (que não existe sem corpo). Ela é um fato corporal: a pessoa é ressuscitada para viver, na plenitude, com Deus.

Portanto, nessa reflexão sobre a ressurreição de Jesus e a esperança cristã diante da morte, tomou-se como ponto de partida a realidade da esperança, que faz com que os cristãos professem a fé na ressurreição de Jesus e enfrentem com mais firmeza a morte,

da qual nenhum ser humano escapará. Segundo a fé cristã, nós não morremos para voltar a uma vida terrena. Somos chamados por Deus a uma vida nova. E depois da morte-ressurreição, seremos pessoas gloriosas. Estaremos na glória com Deus. Isto é, ressuscitados. Em um novo jeito de se viver.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA – Tradução da CNBB. Brasília: Ave Maria, Loyola, Paulinas, Paulus, Salesiana, Santuário e Vozes, 2002.
- BLANK, Renold. Reencarnação ou ressurreição – uma decisão de fé, (3ª ed.). São Paulo: Paulus, 1995.
- BLANK, Renold J. Escatologia da pessoa - vida, morte e ressurreição. São Paulo: Paulus, 2000.
- BUARQUE de Holanda Ferreira, Aurélio. Novo dicionário da língua portuguesa, (2ª ed.). Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- BUARQUE de Holanda Ferreira, Aurélio. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994-95.
- DICIONÁRIO de conceitos fundamentais de teologia, Paulus, 1993, pp. 238-242 e 783-792.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. Repensar a ressurreição – a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura. São Paulo, Paulinas 2004.
- IDÍGORAS, J. L. Vocabulário teológico para a América Latina. São Paulo: Paulinas, 1983.
- TELES, Maria Luiza Silveira. Filosofia para jovens – uma iniciação à filosofia, (5ª ed.). Petrópolis: Vozes, 1999.
- VILHENA, M. Ângela e Renold J. Blank. Esperança além da esperança - Antropologia e escatologia, Col. “Livros Básicos de Teologia”, Vol. 4. São Paulo: Paulinas, 2003.